

MEIRINHOS, José Francisco, *Metafísica do Homem. Conhecimento e vontade nas obras de psicologia atribuídas a Pedro Hispano (século XIII)*, (col. Biblioteca de Filosofia, 29) Edições Afrontamento, Porto 2011; 262 p.; ISBN 978-972-36-1168-7.

O conceito de alma (*psyche* gr., *anima* lat.) está no cerne das tentativas da filosofia ocidental – antiga, medieval e moderna – de explicar racionalmente a realidade humana pelas particularidades da sua conjugação com o corpo para a formação da sensação, do conhecimento e da volição (p. 9). A resolução do problema metafísico da relação entre corpo e alma ocupa o centro das múltiplas tentativas para compreender as especificidades do conhecimento e da vontade próprios do homem. Se o mundo latino

viveu essencialmente, até ao século XII, da conceção agostiniana acerca da relação corpo-alma, já no que se refere ao período escolástico o aparato conceptual e a abordagem teórica acerca da natureza do homem sofreram uma enorme transformação com a receção das obras de Aristóteles traduzidas para o Latim. O estudo apresentado por José Meirinhos evidencia o complexo de elementos filosóficos deste movimento transformador, baseando a sua análise em duas obras compostas nos alvares desta receção e em torno do debate teórico sobre a natureza do homem. As obras em análise são a *Scientia libri De anima* e a *Sententia cum quaestionibus in Aristotelis De anima I-II*, ambas atribuídas a Pedro Hispano Portucalense e que atestam um conjunto de influências e tradições filosóficas divergentes entre si. Como refere o autor deste estudo, ambas são redigidas num período em que o ocidente latino conhece em tradução três obras determinantes para o processo de transformação das doutrinas medievais latinas – o *Liber de anima* de Avicena, o próprio *De anima* de Aristóteles e o *Commentarium magnum in Aristotelis De anima*, de Averróis. O estudo situa-se, por conseguinte, num momento da história da filosofia extremamente rico e no qual são forjadas doutrinas decisivas para a formação da racionalidade ocidental. Contribuí igualmente para melhor compreender o modo como teologias e filosofias de matriz platónica-agostiniana se deixam permear, ou não, pelas doutrinas aristotélicas. Além do mais, analisa um *corpus* textual ainda pouco explorado e subsistente apenas em Latim. As obras aqui analisadas têm ainda a particularidade de verem a sua autoria associada a um dos maiores nomes da filosofia portuguesa: Pedro Hispano Portucalense. O estudo é o resultado da imensa erudição do seu autor, da competência no domínio da Filosofia Medieval, quer no que se refere às componentes científica, historiográfica e doutrinal, necessárias para o estudo deste período, particularmente exigente quanto ao domínio dos instrumentos de pesquisa que incluem o latim, a codicologia, a história da filosofia e das instituições de transmissão da filosofia. É reconhecida internacionalmente a investigação de José Meirinhos acerca da personagem histórica e da obra de Pedro Hispano. Indicações parciais sobre a sua produção bibliográfica estão referenciados na página 15, nota 13, e resultam da publicação de diversos estudos e das restantes partes de uma extensa tese de doutoramento dedicada à investigação sobre a obra do autor portucalense, o problema da sua identidade, a análise das suas doutrinas e o reportório dos manuscritos subsistentes. Este volume corresponde à parte final dessa tese de doutoramento em Filosofia Antiga e Medieval, apresentada pelo autor na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2002 (p. 15).

A obra encontra-se organizada em três capítulos, precedidos de uma introdução e seguidos de uma conclusão. Contém no final uma bibliografia, que inclui fontes e estudos, um índice dos esquemas e quadros e um índice de autores.

No capítulo I, o autor identifica o problema da constituição de uma «ciência da alma» posicionado pelo *De anima* de Aristóteles, e traça o percurso desse conceito do ponto de

vista quer das fontes antigas, latinas e gregas, quer da influência no modo como o mundo árabe e o ocidente medieval compreenderam aquela ciência; quer do ponto de vista doutrinal – determinação do seu objeto estudo, natureza e condições de possibilidade. O capítulo II, longo e profuso, contém uma acurada exposição doutrinal acerca da filosofia do homem contida nas duas obras em análise, atribuídas a Pedro Hispano. Começa por analisar o problema da estrutura psicossomática humana para seguidamente estudar o modo como tal estrutura determina as operações especificamente humanas de conhecer e querer. Este estudo exaustivo dos conteúdos das referidas obras é elaborado por José Meirinhos de acordo com cinco principais subdivisões, como segue: 1. A relação corpo e alma; 2. As faculdades da alma; 3. O conhecimento prestando particular atenção à distinção entre sensível e inteligível, por um lado e, por outro, ao debate sobre a unidade ou multiplicidade dos intelectos e à doutrina de Pedro Hispano no contexto deste debate, central no período em apreço; e finalmente, aos graus do conhecimento e a memória intelectual. 4. O agir humano ou a «psicologia da atividade» - vegetativa, sensitiva e volitiva; e 5. A relação entre conhecimento, atividade contemplativa e fins do homem. Aqui, e como último ponto deste parágrafo, analisa o conceito de «theophilosia» tal como ocorre na *Scientia libri de anima* de Pedro Hispano. No capítulo III, o autor concentra a sua atenção nesta última obra e explica a noção de homem como microcosmos que aí ocorre, de modo a concluir, dela, a ideia de uma «antropologia situada». Uma breve conclusão encerra este estudo exaustivo das referidas obras atribuídas a Pedro Hispano, e dos seus conteúdos doutriniais.

O volume, redigido em linguagem académica e científica rigorosa, com abundante recurso aos próprios textos citados em latim, fundamenta-se em bibliografia exaustiva, analisa com detalhe e rigor o tema que se propõe, conjugando esta exigência com um modo de comunicar didático e pedagógico, que caracteriza o seu autor. A exposição é por vezes apoiada em quadros e tabelas, minuciosamente construídos, que permitem ao leitor visualizar de modo imediato o conteúdo teórico complexo neles referido (a título de exemplo, veja-se: p. 45, esquema 1, com a reconstituição da classificação das ciências no Comentário ao *De anima* atribuído a Pedro Hispano; ou o minucioso esquema 2, nas pp. 86-87, sobre as faculdades da alma na *Scientia libri de anima*). Para além dos aspetos já mencionados que fazem desta obra de José Meirinhos um estudo de referência quer para compreender os lineamentos da história das doutrinas de filosofia do homem desde a antiguidade até ao medievo, quer em particular para esclarecer a sua recepção no ocidente latino e o seu reflexo na obra de Pedro Hispano Portucalense, uma outra característica deste estudo deve ser aqui colocada em evidência. Trata-se das conclusões extraídas pelo autor acerca de Pedro Hispano, as quais fazem parte da sua investigação sobre um autor que é tradicionalmente apresentado como um dos principais representantes do mundo intelectual português medieval. Neste seu estudo, José Meirinhos conclui, por análise interna das duas mencionadas obras, a saber *Sententia cum quaestionibus in libros De anima I-II* e

*Scientia libri De anima*, que «não há elementos que permitam afirmar que foram escritas por um mesmo autor» (p. 211). De facto, ao confrontar as doutrinas de ambas as obras na exposição feita ao longo do seu estudo, o autor vai paulatinamente pondo a descoberto a estranheza que decorre do facto de que, sob a pena de uma mesma mente, a de Pedro Hispano, tenham podido emergir doutrinas e influências tão divergentes quanto as que, em alguns aspetos, José Meirinhos verificou em ambas as obras. Neste estudo, mostra estas divergências quer quanto à forma, quer quando aos conteúdos, dado que a primeira das obras supra referidas procura determinar «o estatuto epistemológico da ciência da alma no seu método e na relação com as outras ciências» e interpretar «a natureza da alma ao abrigo da teoria avicembroliana da pluralidade das formas» (p. 211). Inversamente, a segunda «caracteriza-se pela sua sistematicidade» (p. 211) e analisa a psicologia humana através de uma «ordenação compendiosa e perfeita sobre a natureza da alma e das suas faculdades» (p. 213), elencando um tal profuso conjunto de doutrinas sobre o tema que torna a obra aparentemente ecléctica e mesmo excêntrica, como Meirinhos chega a caracterizá-la (p. 214), para concluir que o propósito do autor é, não apenas explicar a natureza da alma, mas «encontrar e glorificar o lugar do homem no mundo, mostrando a posição dinâmica e privilegiada que ele aí ocupa» (p. 214). Assim, e contra as cronologias habituais (cfr. pp. 229-231), o autor defende que o Comentário sobre o *De anima* pode ter sido composto perto de 1250, seguramente por um mestre de Artes mas distinto do Pedro Hispano autor de outras obras de lógica. Já a *Scientia libri De anima* tem como limite *post quem* 1233, data em torno da qual é composto o *Tractatus de anima* de João de Rochela do qual depende em muitos aspetos, devendo o seu limite *ad quem* ser situado pelos anos 1240, período em que se acentua o declínio da influência da sua fonte principal, o *Liber de anima* de Avicena. Assim, para o autor e ao contrário da historiografia petrínica mais recente, a *Scientia* é anterior ao *Comentário* e ambas as obras devem a ser anteriores a 1250, isto é, anteriores à integração do *De anima* de Aristóteles no plano de estudos da Universidade de Paris, que estará na origem da proliferação de comentários sobre esta obra.

Por último, evidenciamos a proposta de José Meirinhos quanto ao problema que também o tem ocupado – esclarecer a identidade de Pedro Hispano Portucalense ou, ao menos, esclarecer a questão, mesmo se só por via negativa, da autoria das inúmeras e diversificadas obras que a historiografia atribuiu a um mesmo e único Pedro. No caso destas duas obras propõe que é de excluir que possam ser de um mesmo autor. A análise de conteúdos assim o leva a concluir ao longo deste seu estudo, resumindo, nas páginas finais, os argumentos que o conduzem a esta tomada de posição: «a diferença entre estas duas obras, o facto de se ignorarem mutuamente, de possuírem vocabulários e orientações completamente diferentes, indicam que são de diferentes autores» (p. 229).

Paula Oliveira e Silva

Instituto de Filosofia da Universidade do Porto